



Bruno Santos Aguiar

Alegria do povo: como as vitórias de Brasil (na Copa do Mundo de 1970) e da Argentina (na Copa do Mundo de 1978), serviram de suporte ideológico aos regimes militares.

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília 2009

Bruno Santos Aguiar

Alegria do povo: como as vitórias de Brasil (na Copa do Mundo de 1970) e da Argentina (na Copa do Mundo de 1978), serviram de suporte ideológico aos regimes militares.

BANCA EXAMINADORA:

Prof: Delmo Arguelhes
(Orientador)

Prof: Fred Dias
(Membro)

Prof Marcelo Gonçalves do Valle
(Membro)

Brasília 2009

Quem acha que futebol e política não são interdependentes, ou não entende nada de futebol ou não entende nada de política.

Christian Remoli (Jornalista Argentino)

Brasília 2009

Dedico essa monografia aos meus pais e minha namorada, que me incentivaram a terminar esse trabalho e a concluir o curso.

E aos milhares de vítimas e seus familiares que sofreram com a ditadura no Brasil e na Argentina.

Agradeço:

Aos meus pais, por terem me dado a oportunidade de cursar a faculdade de Relações Internacionais e pelo apoio incondicional que me dão até hoje

A minha amiga Paula Uyeda, que me deu vários conselhos e broncas ao decorrer do meu curso, que me servirão pelo resto da vida.

A minha namorada Tarsila Nayane e meus amigos, que sempre acreditaram em mim e me dão força, não importando quantas vezes eu erre.

E por fim agradeço ao Botafogo Futebol e Regatas, time que apesar de poucos títulos conquistados durante minha geração, foi responsável pelo amor que sinto pelo futebol.

Sumário

Resumo.....	7
Introdução	8
1 – O futebol espetáculo: o encantamento e o divertimento proporcionado pelo esporte bretão..	9
2 – O caso da Copa de 1970.....	22
3 – O caso da Copa de 1978.....	37
Conclusão	51
Referências Bibliográficas:	53

Resumo

Esta monografia tem por fim abordar como as ditaduras militares do Brasil e Argentina exploraram a conquista dos títulos mundiais de 1970 e 1978 respectivamente, para dar suporte aos seus regimes militares. O futebol, como paixão nacional dos dois países, é um esporte de massa, e que pode ser usado tanto pela mídia como pela política com o fim de passar uma determinada mensagem ou imagem. Em ambos casos, os regimes usaram as vitórias nas copas do mundo para agregar uma imagem positiva ao governo.

Palavras-chave: Ditadura Militar, Futebol, Cultura de massa

Abstract

This monograph is to address how the military dictatorships of Brazil and Argentina explored the conquest of the world title in 1970 and 1978 respectively, to support its military regimes. Football as a national passion of the two countries, is a sport of mass, which can be used by both the media and by policy in order to pass a message or picture both cases, the schemes used in the crown of the victories world to add a positive image to the government.

Key-words: Military dictatorship, soccer, mass culture.

Introdução

Muitos poucos trabalhos acadêmicos em relações internacionais com o tema futebol foram feitos. É preciso que o meio acadêmico de mais atenção para a força que o esporte pode exercer nas pessoas.

O primeiro capítulo da pesquisa refere-se ao fascínio proporcionado pelo futebol, utilizando as teorias do historiador Johan Huizinga, de como o esporte esteve enraizado no ser humano, sendo praticado antes mesmo da cultura ser devidamente formada. Esse capítulo também contará com a contribuição de Hannah Arendt, com suas teorias sobre a cultura de massas e a indústria de entretenimento.

No segundo capítulo descreveremos como a ditadura brasileira utilizou a conquista do título para se promover. A discussão é feita utilizando a hermenêutica ontológica de Hans-Georg Gadamer e tem como fontes primárias o jornal *Folha de São Paulo*, nos meses de maio e junho de 1970, período em que ocorreu a copa do mundo no México.

E o terceiro capítulo versa sobre a Argentina e o uso da copa do mundo de 1978, servindo de contraponto ao capítulo anterior. Para complementar o capítulo foi feito uma entrevista com o ministro da embaixada da Argentina em Brasília, o senhor Gustavo Begueti, que foi muito solícito em ajudar nessa pesquisa e fez considerações sobre o período em que se realizava o torneio, pois era morador de Buenos Aires e teve oportunidade de assistir alguns jogos daquele torneio.

1 – O futebol espetáculo: o encantamento e o divertimento proporcionado pelo esporte bretão

O futebol moderno, desde sua criação, surgiu como um esporte de massa. A sua simplicidade e imprevisibilidade talvez sejam a explicação para que ele tenha se tornado tão popular. E com o advento das copas do mundo, do rádio e da televisão, ele se transformou em um verdadeiro espetáculo para as massas.

A moderna formulação do futebol nutriu-se na Inglaterra no século XIX. Começou a ser praticado pelos alunos das escolas da aristocracia e da alta burguesia inglesa. O jogo era muito violento, não existia um conjunto de regras comum, cada escola praticava-o de sua própria forma. Os diretores das escolas tentaram, sem sucesso, proibir a prática desse esporte, mas devido sua popularidade, os alunos o continuavam a praticá-lo mesmo que às escondidas.

O jogo também se tornou popular na classe operária inglesa, que após terem conquistado mais tempo livre no processo de conscientização de classe do movimento operário sindical, passaram a dispor de mais tempo livre para praticar o esporte. Mas por ainda se tratar de um esporte violento, muitos trabalhadores se lesionavam, o que afetava de certa forma a produção das fábricas.

Então, para resolver esse problema da violência e unificar as regras do jogo, foi criada em 1863, na Inglaterra, a *Football Association*, fazendo com que se regulamentasse um conjunto de regras para prática do jogo entre as equipes.

Existem varias versões de como o futebol surgiu no Brasil. A mais aceita é a de que Charles Willian Miller, filho de ingleses residentes no Brasil, foi o patriarca do futebol brasileiro. Em 1864, Miller teria voltado da Inglaterra após 10 anos de estudo, com uma bola de futebol e alguns uniformes, e havia ensinado o jogo aos sócios do São Paulo Athletic Club. Outra teoria diz que marinheiros ingleses haviam ensinado o esporte a moradores das cidades portuárias do Brasil, em especial a do Rio de Janeiro e outra que operários ingleses, que teriam vindo trabalhar em fábricas de São Paulo, haviam trazido o futebol para o país.

Enfim, o futebol hoje é praticado em centenas de países, tanto em sua forma amadora (como em colégios, universidades, escolinhas de futebol, quadras poliesportivas), como em alto rendimento (o clube de futebol profissional). Mas por que o futebol é um esporte tão universal e apaixonante assim? Porque milhões de pessoas param para assistir copas do mundo ou mesmo para ver seus times jogando no final de semana?

No Brasil, a rivalidade entre clubes cariocas e paulistas, por exemplo, fez com que houvesse divergências entre os dirigentes das duas federações na época das primeiras copas do mundo, impossibilitando que o Brasil pudesse disputar a competição com força máxima.

Naquele momento, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), controlada por dirigentes cariocas, era a responsável pela seleção brasileira e andava em litígio com a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que pleiteava esta posição. A situação piorou ainda mais quando os cariocas anunciaram que não aceitariam nenhum paulista na comissão técnica que embarcaria a Montevideu. Em consequência, a APEA proibiu que os jogadores que atuavam em São Paulo vestissem a camisa da seleção brasileira. E estes, já convocados pelo técnico Píndaro de Carvalho, formavam mais da metade do elenco.¹

E com o passar dos anos as rivalidades entre as federações e entre os clubes não diminuíram. Pois cada clube representa para seu torcedor uma espécie de segunda nacionalidade, que ele defende e ama com verdadeira paixão. Mesmo com o advento da televisão, com os problemas da violência das torcidas organizadas, com a falta de estrutura e logística para o torcedor chegar aos estádios, os jogos entre as principais equipes nacionais conseguem reunir multidões para os jogos.

Essa massificação do esporte, seja ele o futebol ou não, é mais que uma simples atividade física para que o homem mantenha seu corpo saudável. Existem implicações sociológicas muito maiores que isso. O esporte tem servido para aproximar as pessoas, tanto em ambiente doméstico (sejam entre pessoas do mesmo ou de diferentes círculos sociais), como na diminuição das barreiras entre os Estados. Não foram poucas vezes

¹ Gilberto Agostino. *Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 140.

que países, chefes de Estado ou políticos em geral usaram o futebol para alcançar determinado fim.

Existem relatos, de acordo com o livro *Vencer ou Morrer*, de Gilberto Agostino, que mesmo em meio à Primeira Guerra Mundial, o futebol esteve presente, seja para uma confraternização das tropas ou para provocar o inimigo.

A vertigem do *front* se fez sentir, entre tantas e tantas vezes, na primeira noite de Natal da guerra, quando os soldados ingleses e alemães saíram das trincheiras e se confraternizaram durante algumas horas na “terra-de-ninguém”, como era chamado o campo neutro que se separava as fortificações inimigas. Afinal, o Natal passava ser uma lembrança não vivida, ainda assim esperada como a paz possível, mesmo efêmera. Em meio à troca de cigarros, bebidas, chocolates, houve notícia de que alguém de um pontapé inicial, fazendo um jogo de futebol emergir entre as crateras de lama. Enquanto alguns relatos falam em uma lata de carne sendo chutada de um lado para o outro, há quem diga ter sido utilizada uma bola de verdade, o que não seria tão difícil, uma vez que ao longo de todo conflito, centenas de bolas foram enviadas ao *front*. (...)

Ninguém sabe ao certo de quem partiu a idéia, mas esta consistia em atacar os alemães a partir de uma bola chutada em direção à trincheira inimiga. A prática, apesar de arriscada, parecia magnetizar os soldados, fazendo do campo adversário uma espécie de gol simbólico.²

Mas não foi apenas para tornar aumentar o moral das tropas que o futebol foi usado em meio à Primeira Guerra Mundial. Percebendo sua potencialidade em meio às massas (principalmente entre a classe operária), e por naquele momento não existir alistamento obrigatório na Inglaterra, os ingleses formaram times a partir de um batalhão de soldados para excursionar ao redor da ilha inglesa, colocando postos de alistamentos militares nas portas dos estádios, com cartazes de incentivo a causa da guerra, com o intuito de poder atrair novos recrutas.

A despeito das acaloradas discussões, o tempo encarregarse-ia de mostrar o quanto o futebol poderia contribuir para o esforço de guerra, assumindo um papel crucial para o Ministério da Guerra, que – ao explorar múltiplas manifestações em torno da integração nacional suscitadas pela mitologia esportiva – transformou o jogo em uma de suas mais bem sucedidas estratégias de integração nacional. Uma das

² *Ibidem*, p. 30-34.

primeiras iniciativas nessa direção foi a idéia de alocar postos de alistamentos nos próprios estádios em que seriam realizados os jogos importantes. O ministério também cuidou para que o horário de tais jogos não coincidissem com o turno de trabalho nas fábricas.³

O uso da popularidade do futebol não se limitou ao campo militar, foram os políticos que souberam realmente usar toda potencialidade desse esporte, seja em âmbito nacional ou no internacional. Não foram poucos os líderes sul-americanos, que já no início do século XX, se utilizaram do esporte como instrumento de diplomacia.

O Uruguai, por exemplo, não mediu esforços para poder realizar a primeira copa do mundo em seu território em 1930, pois sabia a importância de organizar um evento dessa magnitude, tanto para aumentar o moral de seus cidadãos como para ganhar destaque no cenário internacional.

Para isso o Uruguai havia se comprometido a arcar com todos os gastos da competição. Naquela época o país estava completando o centenário de sua primeira constituição, portanto, não encontraram muitas dificuldades para convencer a FIFA que aquele país escondido na América do Sul poderia ser um bom anfitrião, apesar de alguns países europeus se sentirem incomodados em fazer uma viagem tão longa para participarem da competição. Além do orgulho de ser o país sede, o Uruguai também conquistou o título daquele mundial, o que deu ainda mais prestígio para o governo e população local.

Após a grande repercussão do Mundial no Uruguai, o governo italiano também não mediu esforços para realizar o mundial seguinte na Itália em 1934, se comprometendo também a arcar com todas as despesas da competição. Tendo como objetivo uma integração nacional maior ao regime fascista e um excelente veículo de propaganda de suas ideologias.

E para isso, não bastava apenas realizar a competição, era necessário vencê-la, como o Uruguai havia feito na primeira copa do mundo. Então, para tornar a seleção mais competitiva, o governo italiano enviou ‘olheiros’ para América Latina, recrutando

³ *Ibidem*, p. 32.

descendentes de italianos que pudessem ser ‘convocados’ para Itália, recebendo imediata cidadania italiana, e uma boa oferta em dinheiro.

Como o futebol naquela época não era profissional, ou seja, os jogadores não recebiam salário algum para praticar o futebol nos clubes, e por isso, não tinham vínculo empregatício com eles, muitos talentos latinos foram perdidos para Itália. Muitos jogadores inclusive falsificavam documentos, colocando nomes de origem italiana, para poderem receber essas propostas. E o resultado não poderia ter sido outro, a Itália foi a campeã do mundo naquela copa, e posteriormente no torneio de 1938.

Como fizeram outros governos do período entre-guerras, os fascistas também utilizaram largamente encontros esportivos para promover uma política de aproximação com outros regimes, ampliando o campo das relações internacionais para além dos mecanismos tradicionais da diplomacia. Nesse sentido, ainda antes da Copa, em 1933, a partida entre a Juventus e Marselha foi interpretada como um dos mecanismos de aproximação com a França. Para muitos, o jogo valia mais do que qualquer encaminhamento da inoperante Liga das Nações.⁴

O orgulho de ser um país sede de uma copa do mundo ou ser o país campeão, naquela época e de forma ainda maior contemporaneamente, não se dá apenas pelo fato desse evento atrair mais turistas, de provocar obras de infra-estrutura ou de despertar na população uma vontade de praticar esportes. O que fica mais evidente é a contribuição que essa competição tem ao sentimento nacionalista e prestígio do governo que ela provoca na população. Eram milhões de torcedores atentos aos rádios (e hoje às televisões e à internet), para saber como seu país natal estava participando da competição.

E nenhum outro país no mundo ganhou tanto destaque em meio ao futebol do que o Brasil. Foram conquistados até hoje cinco títulos mundiais, fora ter sido a terra natal do maior jogador de todos os tempos, o Pelé, e revelado tantos outros craques, como Garrincha, Nilton Santos, Zico, Romário.

É de conhecimento popular a frase ‘O Brasil é o país do futebol’. O esporte produz um fenômeno cultura que ultrapassa os limites do campo de futebol e se

⁴ *Ibidem*, p.62.

transforma em símbolo da sociedade, sendo hoje, um dos emblemas da sociedade brasileira, juntamente com a música, carnaval e toda sua beleza natural.

Quando inventado na Inglaterra, o futebol era praticado pela elite da sociedade. Foi trazido para o Brasil pela elite, mas logo as classes sociais mais baixas o tornaram popular.

O fascínio desse esporte por esses milhões de amantes do futebol pode ser explicado pela necessidade que o ser humano tem de jogar. Segundo a contribuição do historiador Johan Huizinga, em sua obra *Homo Ludens*, o jogo em si, seja ele qual for, desde uma brincadeira de trenzinho de uma criança até uma complicada partida de xadrez, surgiu muito antes de o homem desenvolver a cultura ou mesmo da existência do próprio ser humano.

O jogo é uma realidade originária, pois faz parte das coisas que temos em comum com os animais, pois eles não esperaram que o homem inventasse o jogo, para serem iniciados em sua atividade lúdica. Como nos lembra o autor: Quem já não observou a brincadeira movimentada de um grupo de cachorrinhos em um jardim ?

O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições mais rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. (...)

Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isso, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento.⁵

E a partir desse ponto surge a questão, tanto dos críticos do futebol, como dos jogos em si: Por que homem ou os animais jogam? Que sentido há nisso? Já foram criadas dezenas de teorias quanto a isso. Umas dizem que é uma necessidade de tanto os animais, quanto dos seres humanos, de gastarem suas energias que se encontram em excesso, diminuindo a tensão do dia a dia.

⁵ Johan Huizinga. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 3.

Outras que é uma necessidade de um certo ‘instinto de imitação’, por exemplo, um homem querer fazer uma certa ação ou movimento complicado que um outro fez, apenas pela competição, pelo prazer de mostrar ao grupo que é capaz de superar o rival.

E outras que o jogo serviria para constituir uma importante ferramenta para que o jovem se preparasse para as tarefas sérias que o dia-a-dia lhe exigiria na vida adulta, desenvolvendo certas habilidades, como por exemplo, uma competição de uma corrida, que iria contribuir para que o homem fosse mais rápido ao caçar sua presa ou em uma competição de natação, que contribuiria para que ele fosse mais ágil ao pescar.

O que se pode constatar é que nenhuma dessas teorias se negam, ou seja, todas elas podem estar corretas. Mas o fato é que existe algo em comum a todas: partem do pressuposto de que o jogo é mais do que o simples jogo, que existem objetivos ou necessidades para praticá-lo. O jogo é irracional, por que na verdade não existe razão nenhuma em jogá-lo, a não ser pelo simples fato dele ser divertido, pelo espírito competitivo ou meio para se socializar em um determinado grupo. O que torna os homens mais do que seres simplesmente racionais ou os animais em seres de puro instinto.

Esta tudo muito bem, mas o que há de realmente divertido no jogo ? Por que razão o bebê grita de prazer? Por que motivo o jogador e deixa absorver inteiramente por sua paixão? Por que uma multidão imensa pode ser levada ao delírio por um jogo de futebol? A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e característica primordial do jogo.⁶

Nos séculos XIX e XX, época coincidente com o surgimento do futebol, as massas populacionais foram efetivamente incorporadas à sociedade, pois passaram a ter disponível dinheiro e tempo para apreciar a cultura. Hannah Arendt, autora do livro *Entre o passado e o futuro*, discute essa nova fase da sociedade, aonde as massas da sociedade que antes tinham como preocupação apenas a sobrevivência, chegando a

⁶ *Ibidem*, p. 5.

trabalhar até 16 horas por dia, passaram ter mais tempo e condições de apreciar a cultura e o consumismo. Ela denomina essa nova sociedade de sociedade de massas.

E, visto que a sociedade, na acepção de ‘boa sociedade’, compreendia aquelas parcelas da população que dispunham não somente de dinheiro, mas também de lazer, isto é, de tempo a dedicar ‘à cultura’, a sociedade de massas indica com efeito um novo estado de coisas no qual a massa da população foi a tal ponto liberada do fardo de trabalho fisicamente extenuante que passou a dispor também de lazer de sobra para a ‘cultura’.⁷

A principal diferença entre a sociedade e a sociedade de massas, segundo Hannah Arendt, é que a ‘boa’ sociedade sentia a necessidade de cultura, valorizava e desvalorizava objetos culturais, obras de arte, literatura, música, conforme suas necessidades. Mas nada era consumido de fato, ou seja, um quadro feito há mais de um século, que pode expressar como certa sociedade viveu antigamente tende a valorizar-se com o passar do tempo, ele não perde o valor. Essas obras de arte, por exemplo, independentemente de seu futuro valor, permaneceriam para que futuras gerações as pudessem apreciar. Já a sociedade de massas, ao contrário, não se preocupa com esse tipo de cultura, o único interesse dela quanto à cultura era de obter diversão com esse novo tempo livre, diversão essa que podia ser oferecida pela indústria como verdadeiros bens de consumo.

Mesmo em suas formas mais gastas esses objetos permaneciam sendo objetos e retinham um certo caráter objetivo; desintegravam-se até se parecerem a um montão de pedregulhos, mas não desapareciam. A sociedade de massas, ao contrário, não precisava da cultura, mas de diversão, e os produtos oferecidos pela indústria de diversões são com efeito consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo. Os produtos necessários à diversão servem ao processo vital da sociedade, ainda que possam não ser tão necessários para sua vida como o pão e a carne.⁸

Hannah Arendt afirmava que enquanto a obra de arte é eterna, a mercadoria da indústria cultural não é. Ela é perecível tal qual um pão, que tem que ser consumido imediatamente, pois se não perde seu valor.

⁷ Hannah Arendt. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 250.

⁸ *Ibidem*, p 257.

Como todo bem de consumo, a indústria precisa inventar sempre algo novo, e que possa ser consumido rapidamente, para que depois ela possa oferecer outro produto similar para poder vender novamente. Contemporaneamente, no Brasil, os principais mercados para essa indústria são a música, as novelas e o futebol. Coincidentemente todas as três categorias procuram tocar o sentimento dos consumidores, a música atingindo os desejos de quem as escuta, as novelas que retratam ou tentam retratar a realidade dos telespectadores, e o futebol apelando para que o torcedor possa comprar os produtos ou para ter audiência através da mídia.

A mídia explora o futebol das mais variadas formas. Através dos espaços publicitários das partidas do Campeonato Brasileiro transmitido pela televisão, que valem milhões, tanto para os clubes quanto para os meios de comunicação. Já as rádios com valores mais modestos, recebem quantias menores, dependendo da audiência. E no jornal as colunas esportivas são as mais lidas pela população, ganhando inclusive das de política e economia.

A indústria do futebol não fica por conta apenas da programação da TV aberta. Como por exemplo, os pacotes de *pay-per-view* que são vendidos aos torcedores por conta da programação esportiva e com a cobertura de todos os jogos. Os consumidores são tanto torcedores comuns, apaixonados por seus clubes, como proprietários de bares ou shoppings, que usam o jogo para atrair clientes a seus estabelecimentos. São milhares e diferentes produtos esportivos vendidos todos os anos, como, dentre outros, camisetas, chuteiras, bandeiras, bolas, campos alugados para que jogadores amadores possam praticar o futebol.

Com esse poder financeiro que a mídia exerce no futebol, o torcedor acaba sendo prejudicado, ficando a mercê da vontade da televisão, que troca os horários da forma que bem entende, adia ou adianta jogos para não atrapalhar sua programação e transmite os jogos de forma cada vez mais parcial, dando destaque apenas para o futebol do eixo Rio – São Paulo.

Da primeira Copa do Mundo transmitida a cores para o Brasil pela televisão, em 1970, no México, a chamada aldeia global, testemunhou o incrível crescimento de uma de suas mais influentes multinacionais, a FIFA, com sede na Suíça, em Zurique.

Os países periféricos, embora, tecnicamente de Primeiro Mundo, do ponto de vista do talento que produzem, se transformam em meros exportadores de ‘pé de obra’, em uma inversão tal de valores que em vez de exportarem o espetáculo, acabam exportando os artistas.

Graças a essa dependência dos clubes em gerar receitas apenas com a venda de seus jogadores a clubes estrangeiros e das cotas de televisão, os clubes vivem uma crise financeira que já perduram décadas. Desde a criação da Lei Pelé os clubes dependem mais dos meios de comunicação para sobreviverem. Até porque os torcedores são cada vez mais afastados dos estádios, pela violência das torcidas organizadas, falta de estrutura, dificuldade de se estacionar um carro ao redor de um estádio, e a péssima qualidade dos transportes públicos.

Hoje as categorias de base dos principais clubes do Brasil preparam seus jovens atletas em vista de vender por preços exorbitantes para a Europa. O futebol amador praticado em outros tempos, deu lugar ao futebol de alta performance, que molda os jovens para parte tática e física, deixando de lado o futebol alegre e divertido.

Ano	Transferência de jogadores de futebol ao exterior	Retorno de jogadores de futebol ao Brasil
2005	804	491
2006	851	311
2007	1085	489
2008	1176	659

Fonte site da CBF www.cbf.com.br

E hoje os clubes não estão ficando dependentes apenas do dinheiro da mídia, esta surgindo um novo tipo de explorador, que são as empresas privadas, que compram e vendem os direitos dos atletas. As mais conhecidas são a *Abillity*, no Botafogo, e a *TRAFFIC*, que atua no Botafogo, Cruzeiro e Palmeiras.

Como os clubes não conseguem administrar direito suas finanças, tendo inclusive dificuldade de pagar seus funcionários comuns, as categorias de base ficam geralmente fragilizadas, fazendo com que seja mais difícil surgir novos talentos. Essas

empresas então fazem o trabalho de procurar talentos em clubes de menor expressão, comprando seus direitos federativos, e vendem ou emprestam aos grandes clubes, ficando com uma quantia significativa ou total da venda do passe desses atletas, que tem por foco o mercado externo.

Como uma empresa não pode comprar um jogador, elas precisam criar clubes fantasmas para isso, mas muitas vezes elas mesmas montam suas categorias de base, para vender os atletas. Existem inclusive muitas denúncias a respeito de verdadeiros tráficos de crianças para o exterior, com a desculpa de que eles estariam indo para jogar bola em outros países.

Não se pode condenar ou proibir que essas empresas prestem esse tipo de serviço no desenvolvimento de novos atletas, mas é uma atividade que se deve ser mais bem fiscalizada pelas autoridades e CBF, para que se evitem abusos. E os clubes devem tomar consciência que estão perdendo mercado para essas empresas, pois estão deixando de ganhar quantias significativas nas transferências de seus jogadores.

Alguns times já estão buscando novas fórmulas para aumentar suas receitas, podendo contratar para seu elenco jogadores de alto nível. O São Paulo, por exemplo, conta com uma estrutura, categoria de base e de recuperação física de atletas que pode ser comparada a de grandes clubes europeus. Não é surpresa, por exemplo, que o jogador Adriano tenha escolhido em 2007 o clube paulista para recuperar sua forma física e ser emprestado por um semestre ao São Paulo FC. Esse investimento se reverteu em títulos, sendo o primeiro tri-campeão seguido da história do campeonato brasileiro. O clube Internacional FC conta hoje com a parceria sócio torcedor, que consiste em transformar o torcedor em verdadeiro sócio do clube, facilitando a entrada desse torcedor com ingressos mais baratos e maior comodidade na hora da compra, em troca de uma pequena mensalidade.

Não são raras às vezes, que as imprensas escritas ou faladas, promovem uma guerra simbólica entre as nações ou os clubes esportivos, através da linguagem empregada na cobertura. Uma provocação, uma palavra mal interpretada, uma briga no passado entre técnico e jogador, uma perda de título no clube rival no ano anterior, tudo isso pode ser usado como arma, e uma partida de futebol pode ser transformada em uma verdadeira batalha entre os clubes, e quem mais ganha com isso é a audiência.

Essas provocações entre os rivais que a imprensa incentiva antes dos clássicos não tem consequência apenas entre os clubes ou seleções, elas tem reflexo também nas arquibancadas dos estádios, fazendo com que seja alimentada a intolerância entre as torcidas organizadas, provocando violência dentro e ao redor dos estádios. Isso faz com que se diminua o público nos estádios, espantando quem realmente está ali para assistir o espetáculo, mas não influencia na audiência da televisão, muito pelo contrario, as brigas nos estádios serviram de assunto para as mesas redondas na programação durante a semana. A mídia, em geral, sempre vai condenar essas atitudes de violência quando estiver diante do público, mas sempre vai assediar os atletas e comissão técnica em busca de intrigas. Para a indústria cultura a rivalidade vende. A imprensa pode até condenar o ato violento, mas lucra com o mesmo. Isso aumenta os pontos no IBOPE e vende jornais.

A violência no futebol também é maximizada pela eterna necessidade de se ganhar mais títulos e pelo fator financeiro dos clubes. A vitória, os títulos, a capacidade de revelar novos craques, tudo isso resulta na conquista de grandes patrocínios, proporcionando um excelente retorno financeiro.

A espetacularização dos esportes pela televisão, principalmente o futebol, se faz com a intenção de prender o telespectador nesta ou naquela emissora. São dezenas de câmeras, microfones de captação de som ambiente, replays, tira-teima, comentaristas esportivos, especialistas esportivos, convidados especiais entre outras atrações, para deter o telespectador nas transmissões. Essa guerra tecnológica entre as emissoras acaba seduzindo o telespectador a ficar na comodidade de seu lar.

Tanto nos jornais, como na televisão, especialistas escrevem ou debatem os resultados, discutindo escalações de equipes ou atuações das arbitragens. E cada vez mais esses especialistas relacionam as questões técnicas e táticas das equipes com questões financeiras. Para estes analistas dos jogos, atletas sem receber salários é sinônimo de maus resultados, tudo passa pela questão financeira. Em época de Copa do Mundo de Futebol, temos grandes jornais brasileiros, artistas, políticos, especialistas escrevendo sobre a Copa e seus resultados.

A rivalidade entre os clubes locais ou regionais e entre as seleções nacionais, desperta um espírito de amor a pátria ou amor a uma entidade (nesse caso o

clube), maior que qualquer hino nacional, história ou sentimento nacionalista possam fazer. E é através desse sentimento que a indústria do entretenimento ou a política usam o futebol, sejam eles a mídia, os políticos ou os militares na ditadura.

2 – O caso da Copa de 1970

Em 1967 a sociedade civil, principalmente a classe estudantil, apoiada pela classe média, e a militância dos trabalhadores, protestavam contra os abusos do governo militar. Essa inquietação se refletiu no Congresso Nacional, que apesar de não poder legislar como deveria, pois grande parte das atribuições legislativas haviam sido transferidas para o executivo, tornou-se palco de denúncias dos atos repressivos do governo.

Um grupo de cerca de 40 políticos do MDB elaborou uma estratégia parlamentar, valendo-se de seu direito à imunidade, para praticar a liberdade de expressão na tribuna do congresso nacional.

Em um desses discursos o Deputado Márcio Moreira Alves, eleito pelo MDB na Guanabara, incitou a população a boicotar a parada de 7 de setembro e sugeriu as mulheres brasileiras resistissem ao governo militar, recusando-se a namorar oficiais que silenciassem diante da repressão ou participassem ativamente de violências cometidas pelo Estado.⁹

A parada militar do dia da independência, era um evento muito importante para os militares. Além do orgulho do governo em exibir para população todo seu armamento bélico, existia também um efeito de intimidação, pois ficava claro a população que todo aquele arsenal militar podia voltar-se contra ela.

Como ainda estava em vigência a Constituição de 1967, não era possível punir um deputado por discurso feito na tribuna da Câmara, era preciso seguir os tramites legais. O requerimento para suspender a imunidade do deputado foi encaminhado à Comissão de Justiça da Câmara. Com uma agitada sessão conjunta, os membros das duas casas procederam a votação por chamada nominal. O resultado surpreendeu o executivo: 216 contra a suspensão da imunidade parlamentar, e apenas 141 a favor. A diferença de 75 votos constituía vitória significativa para os que se opunham.

⁹ Maria Helena Moreira Alves. *Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 158.

Essa crise na Câmara foi o gatilho final para elaboração do Ato Institucional nº 5, que segundo documentos recentes revelados indicam que ele já estava pronto em julho de 1968.¹⁰ Em muitos pontos o texto reiterava disposições dos dois primeiros atos institucionais, mas havia uma diferença importante: não se estipulava prazo para sua vigência.

Os poderes atribuídos ao Executivo pelo Ato Institucional nº5 podem ser assim resumidos: 1) poder de fechar o Congresso Nacional e as assembleias estaduais e municipais. 2) direito de cassar os mandatos eleitorais de membros dos poderes Legislativo e Executivo nos níveis federal, estadual e municipal. 3) direito de suspender por dez anos os direitos políticos dos cidadãos e reinstituição do 'Estatuto dos Cassados'. 4) direito de demitir, remover, aposentar ou por em disponibilidade funcionários das burocracias federal, estadual e municipal. 5) direito de demitir ou remover juizes e suspensão das garantias ao Judiciário de vitalidade, inamovibilidade e estabilidade. 6) poder de decretar estado de sítio sem qualquer impedimentos fixados na Constituição de 1967. 7) direito de confiscar bens, como punição por corrupção. 8) suspensão da garantia de *habeas corpus* em todos os casos de crimes contra a Segurança Nacional. 9) julgamento de crimes políticos por tribunais militares. 10) direito de legislar por decreto e baixar outros atos institucionais ou complementares, e finalmente 11) proibição de apreciação pelo Judiciário de recursos impetrados por pessoas acusadas em nome acusadas em nome do Ato Institucional nº5.¹¹

O governo Médici, que apesar de em sua posse ter exigido a reabertura do Congresso Nacional e ter sido o único presidente militar que dispendo do AI-5 que não cassou mandato de nenhum político, é considerado o governo mais duro e arbitrário de todo ciclo militar. Mas, ajudado pela boa fase da economia – com crescimentos acelerados, grandes projetos públicos, moeda razoavelmente estável, etc. – e por marketing competente e censura eficaz, alcançou um alto nível de popularidade e prestígio, inclusive nas camadas mais populares.

A propaganda foi uma arma eficaz de popularização de suas políticas. É creditada a disparada da economia ao governo forte de Médici. A mensagem que foi

¹⁰ *Ibidem*, p. 160.

¹¹ *Ibidem*, p 161.

passada ao povo é a de que o desenvolvimento exigia um governo forte, ou seja, o governo militar.

Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) era um órgão ligado a presidência da república com o intuito de melhorar a imagem do governo, foi criada pelo presidente Costa e Silva em 1968. O objetivo da implantação da AERP era “criar um único centro de propaganda do governo”.¹² O trabalho da assessoria visava à popularização da figura do presidente Médici e à criação de uma relação de comprometimento da sociedade para com o governo militar.

Usou como estratégia estimular a auto-estima e esperanças do povo, ligando ambas ao desempenho do governo e a idéia de futuro brilhante. Participavam do órgão equipes de jornalistas, psicólogos, sociólogos, agências de publicidade e entre outros. A figura do presidente foi deliberadamente associada aos sucessos econômicos, esportivos – principalmente futebolísticos, como a conquista do tricampeonato mundial de futebol, em 1970, no México – e até musicais, em documentários de televisão, cinema, publicidade em rádios e jornais.

Uma das técnicas mais eficientes da AERP consistiu em associar futebol, música popular, presidente Médici e progresso brasileiro. Médici era excelente material para tal campanha. Adorava posar de pai e era fanático por futebol. A AERP explorou ambas as preferências. Médici ficou tão nervoso com o treinamento da seleção brasileira para o Campeonato Mundial de Futebol no México, em 1970, que se queixou à comissão nacional supervisora. Esta demitiu imediatamente o técnico. O presidente previu a vitória do Brasil, e assim aconteceu, para felicidade de todo o povo. O Brasil foi o primeiro país a conquistar três vezes a taça Jules Rimet tendo o direito de ficar com ela definitivamente.¹³

Uma das imagens mais exploradas do presidente Médici é a de torcedor de futebol, com rádio de pilha colado ao ouvido. A televisão prolifera rapidamente nessa época, sendo aquela, a primeira copa do mundo transmitida ao Brasil, a cores, pela televisão.

¹² Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo a Tancredo 1964-1985*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 221.

¹³ *Ibidem*, p. 223.

Em 1960, menos de 10% dos domicílios tinham aparelho receptor. Em 1970, já eram mais de 40%. É o tempo todo ‘Brasil, conte comigo’; do ‘Ninguém segura esse país’; do ‘Pra frente, Brasil’, um jingle popularíssimo relacionado com o futebol; do ‘Brasil: ame-o ou deixe-o’. A censura cuidava do controle e neutralização das críticas e de evitar notícias negativas.¹⁴

O presidente Médici era encantado pelo bom futebol do jogador Dario, que não era titular do selecionado, e também admirava o esquema de jogo de João Saldanha, treinador da seleção nas eliminatórias da copa do mundo. Mas com o time em desacerto nos últimos jogos das eliminatórias, tudo era motivo de questionamento, até a escalação do time. Então João Saldanha, retrucando as opiniões que os repórteres diziam ser de Médici, sobre a escalação de Dario, a disse: “Pois olha: o presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time.”¹⁵

Não se sabe ao certo se Médici estava tão empenhado na escalação de um jogador específico, em um momento em que os desafios governamentais eram muito grandes, com a questão da repressão e crescimento econômico. Mas o fato é que a figura de Saldanha era considerada muito inconveniente pelo seu destempero e por sua independência política. Temia-se que o treinador chegasse ao México com uma lista de presos políticos no bolso, e, em entrevista coletiva, diante de microfones e câmeras do mundo todo, denunciasse o desrespeito aos direitos humanos que vinha ocorrendo no Brasil. Mais do que Dario ou episódios envolvendo outros jogadores e técnicos, esta era uma preocupação muito séria para a imagem que a ditadura queria promover de si mesma no exterior.¹⁶

Então a comissão técnica foi dissolvida, com menos de um ano para começar a copa, e Zagallo, então treinador do Botafogo, foi apresentado como sucessor de Saldanha.

Esse trecho da monografia se desenvolveu através de pesquisa aos jornais da Folha de São Paulo, durante os meses de maio e junho de 1970, época em que a seleção

¹⁴ Ronaldo Costa Couto, *História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil: 1964-1985*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 115.

¹⁵ *Apud.* Gilberto Agostino, *Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica E Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 160.

¹⁶ *Idem.*

brasileira se preparou e participou da IX Copa do Mundo de Futebol. Para tanto serão desenvolvidos argumentos através da teoria crítica de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), filósofo europeu, autor de *Verdade e Método*.

Gadamer inicia sua discussão, re-avaliando a idéia da tradição – da qual o pensamento iluminista tentou se distanciar – e alegando que a tradição e a razão não podem ser facilmente consideradas em separado. Ele relaciona a idéia de tradição com a noção de preconceito, que ele entende como pré-conceito ou pré-julgamento, que estão presentes em todos os entendimentos, rebatendo as reivindicações iluministas de que a razão, separada da perspectiva histórica e cultural, representa um teste para a verdade.

Contrário à idéia de que a tradição resiste ou cai diante de uma razão imparcial, Gadamer busca, em outra direção o significado original de tradição. Proveniente do latim, *tradere*, que significa ‘passar adiante’, a palavra se refere à atividade de transmissão, passar algo diante de geração a geração. Há uma forma de entender esta transmissão como uma ação não reflexiva, negligentemente repetida de pai para filho. Mas, habilidades e práticas transmitidas como parte de uma tradição, não são meramente repetidas como uma linha de produção; tudo aquilo transmitido está constantemente num processo de re-elaboração, re-processamento e re-interpretação.¹⁷

Ou seja, para Gadamer, a tradição é uma força vital inserida na cultura, não pode ser reduzida a crenças não-rationais ou irracionais, pois as crenças e a racionalidade fazem parte de contextos maiores chamados tradição.

Para ele o entendimento é invariavelmente hermenêutico, termo que historicamente era a arte de ler corretamente e interpretar de forma exata os textos antigos, particularmente a bíblia. Mas nas mãos de Gadamer se transformou em um procedimento mais abrangente para o entendimento em si, que ele chama de hermenêutica filosófica e a caracteriza em termos de um círculo hermenêutico.¹⁸ Círculo hermenêutico é a regra segundo a qual é necessário compreender o todo de um texto a partir das suas partes e estas a partir do todo. Então a interpretação textual é constituída em um processo dialético.

¹⁷ Chris Lawn, *Compreender Gadamer*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 54.

¹⁸ O círculo hermenêutico não é criação de Gadamer. Ele já havia sido abordado anteriormente por Schleiermacher, Dilthey, Droysen e Heidegger.

A regra hermenêutica, segundo a qual devemos compreender o todo a partir do singular e o singular a partir do todo, provém da retórica antiga e foi transferido, pela hermenêutica moderna, da arte de falar para a arte de compreender. Em ambos os casos, estamos às voltas com uma relação circular prévia. A antecipação de sentido, que comporta o todo, ganha uma compreensão explícita através do fato de as partes, determinadas pelo todo, determinarem por seu lado esse mesmo todo.¹⁹

Mas se todo entendimento é interpretação, então ele é ainda orientado por aquilo que Gadamer chama de uma ‘fusão de horizontes’. Esses horizontes seriam a visão global (tradição, preconceitos, história, linguagem, etc), do autor de um texto, e o horizonte do intérprete ou leitor desse determinado texto.

Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto. Aplicando esse conceito à consciência pensante, falamos então da estreiteza de novos horizontes, etc. A linguagem filosófica empregou essa palavra, sobretudo desde Nietzsche e Husserl, para caracterizar a vinculação do pensamento à sua determinidade finita e para caracterizar o ritmo de ampliação visual. Aquele que não tem um horizonte é um homem que não vê suficientemente longe e que, por conseguinte, supervaloriza o que lhe está mais próximo. Ao contrário, ter horizontes significa não estar limitado ao que há de mais próximo, mas pode ver para além disso.²⁰

Os horizontes são fadados a serem diferentes, independentemente do espaço de tempo que eles têm entre si, pois, segundo Gadamer, “o horizonte da interpretação muda constantemente, assim como nosso horizonte visual varia de acordo com cada passo que damos”²¹, o que faz o texto lido poder sempre nos passar uma mensagem diferente e ser sujeito a diferentes interpretações e reinterpretações com o passar do tempo.

Ao se ler os jornais de junho de 1970 têm-se a impressão de que a IX Copa do Mundo de Futebol não foi muito diferente dos demais torneios mundiais ocorridos recentemente em 2002 ou 2006, na perspectiva da mídia. São muitos artigos cobrindo a ida da seleção ao México, o dia a dia dos jogadores e dos treinamentos, muitas empresas

¹⁹ Hans-Georg Gadamer. *Verdade e Método II: Complementos e índice*, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 72.

²⁰ Hans-Georg Gadamer. *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 400.

²¹ Chris Lawn *Op.cit.*. Chris Lawn, p. 92

fazendo trocadilhos ou comerciais usando a imagem da copa ou do futebol, mensagens de apoio a seleção na copa e muitos debates sobre como a seleção deveria escalar o time para o início da copa, escalação essa que Zagalo fez questão de esconder até o início do torneio.

O primeiro fato estranho a ser notado, foi que a chefia da delegação a embarcar à Guadalajara coube ao brigadeiro Jerônimo Bastos. O que hoje poderia ser interpretado como uma interferência do governo sobre a delegação da seleção brasileira, pois obviamente o brigadeiro serviu de ponte de comunicação entre o governo e a comissão técnica.

Todos os jogadores que foram dispensados anteontem, logo após o jogo com a Áustria, deverão apresentar-se hoje às 21h30. Além deles, do técnico, preparadores físicos e demais membros da comissão técnica, seguirão também os respectivos designados pela CBD, cabendo a chefia da delegação o brigadeiro Jerônimo Bastos.²²

A principal função do brigadeiro Jerônimo Bastos, parece ter sido servir de porta voz do governo, mais precisamente do presidente Médici, para a seleção brasileira. Fez declarações desmentindo o boato de que o Brasil doaria a Taça Jules Rimet à FIFA, caso vencesse o atual campeonato. E constantemente passava mensagens de apoio do presidente Médici incentivando a conquista do campeonato, mensagens essas que sempre se transformavam em artigos no jornal antes dos principais jogos.

MENSAGEM DE MEDICI: Em telegrama que enviou ontem aos integrantes da delegação brasileira que se encontra no México para a copa do mundo, o presidente Emilio Garrastazu Médici externou aos jogadores seus votos para que sejam felizes e dignos do grande povo que à distancia os acompanha em cada momento dessa mana disputa.

O telegrama dirigido ao chefe da delegação, brigadeiro Jerônimo bastos, tem o seguinte teor:

‘Na oportunidade do início do campeonato mundial de futebol, a competição que mais sensibiliza a opinião pública internacional venho pedir-lhe fazer-se interprete minha fraterna saudação às delegações de todos os países participantes com os gestos de que a competição possa servir ao ideal de entendimento entre os povos,

²² *Folha de S. Paulo*, 1 de maio de 1970, p. 1.

assim como fazer chegar aos componentes de nossa seleção as expressões de meu incentivo, para que sejam felizes e dignos do grande povo que a distancia acompanha cada momento dessa magna disputa'.²³

Era clara a intenção de ligar o sucesso do selecionado brasileiro ao apoio que o presidente Médici dava a seleção brasileira, dando tal importância, como se o mesmo fosse membro da comissão técnica. Em todo e qualquer artigo relacionado ao apoio que o torcedor ou o regime dava a seleção brasileira, o nome de Médici estava presente. Sendo homenageado pela Câmara dos deputados diversas vezes, juntamente com a seleção brasileira:

O deputado Ultimo de Carvalho (ARENA-MG) disse:

‘Na nossa alegria, não devemos esquecer aquele que, incontestavelmente, foi o artífice, em grande parte deste júbilo: o presidente Médici’

Outros parlamentares, principalmente os Srs. Rosendo de Souza (ARENA-RJ) e Milton Brandão (ARENA-PI), elogiaram também a atuação do selecionado do Brasil. Um dos deputados mais entusiastas foi o Sr. Ultimo de Carvalho que associou à vitória da revolução de 1964, dizendo:

‘Tudo isso que ouvimos e vimos pela televisão faz com que voltemos as vistas para o grande presidente Médici, e o ministério das Comunicações, que nos ofereceram esta magnífica oportunidade’.²⁴

As mensagens de apoio e otimismo não apareciam nos artigos vindos apenas do presidente da república. Constantemente apareciam artigos sobre como os soldados nos quartéis militares estavam entusiasmados com os jogos, e noticiando que eles poderiam assistir aos jogos durante seu expediente. Os militares de escalão mais alto faziam palpites sobre o resultado dos jogos, e do esquema tático que a seleção deveria usar, parecendo verdadeiros comentaristas esportivos.

A seleção foi muito bem recebida no México. Os mexicanos fizeram um verdadeiro carnaval para receber a seleção brasileira, entusiasmados para ver grandes jogadores como Jairzinho, Gerson e Pelé participarem dos jogos. O governador de Guadalajara juntamente com o embaixador do Brasil no México, recebeu a seleção no

²³ *Folha de São Paulo*, 31 de maio de 1970, p. 31.

²⁴ *Folha de São Paulo*, 5 de junho de 1970, p. 16.

aeroporto. O governador ao receber a delegação declarou: “O Brasil é um país muito simpático e amigo de todos os mexicanos”.²⁵

No Brasil, entusiasmado pelas novas tecnologias da informática, ocorreram vários artigos nos quais usaram computadores para prever os prováveis resultados nas copas do mundo, de forma parcial ou não, o Brasil sempre foi apontado como vitorioso nesses testes, e os textos sempre sugerem ao povo apoiar a seleção.

GOVERNO DESMENTE VIOLÊNCIA: A secretaria de Imprensa da Presidência da República divulgou ontem na Guanabara nota oficial desmentindo a prática de tortura nas prisões brasileiras, assim como a existência, no país, de presos políticos, acrescentando que ‘ninguém perde a liberdade simplesmente por divergir da orientação democrática defendida pelo governo’.

A nota explica que há, porém, terroristas detidos enquanto respondem a processo regular pelos crimes que praticaram, matando pessoas indefesas, assaltando bancos e particulares, e seqüestrando diplomatas para negociar a sua troca por prisioneiros.

Na íntegra, a nota é a seguinte:

‘Noticiário freqüente, inspirado por agentes internacionais da subversão e apreciado por uma parte mórbida e sensacionalista da imprensa estrangeira, vem, com insistência, acusando o Brasil de práticas criminosas, com o genocídio de indígenas e tortura a pretensos presos políticos. Tudo isso faz parte, indubitavelmente, de uma campanha difamatória montada e organizada por aqueles que não se conformam com o desenvolvimento brasileiro, dentro da liberdade. Paradoxalmente, mas revelando o intento dos inimigos do Brasil, quando mais acelera o país a sua taxa de crescimento, aumentando exportações, equilibrando a balança comercial, abrindo estradas que rasgam as selvas, construindo escolas e hospitais, observa-se que mais se acentua a atividade soez de denegrimiento do governo e do povo brasileiro.

Essa intriga que, na sua desfaçatez, busca gerar discórdia entre nações democráticas, amigas e aliadas, estancar o fluxo de investimento no país, em uma palavra, enfraquecer o Brasil e com isso enfraquecer a comunidade das nações livres, provém, inequivocamente, de grupos esquerdistas, inclusive infiltrados em órgãos estrangeiros e em agências internacionais que, muito bem dirigidos por chefia perfeitamente identifica, agem em uníssono, nos vários quadrantes do globo.

²⁵ *Folha de São Paulo*, 3 de maio de 1970, p. 1.

O governo da República, por intermédio do ministro da justiça, lança formal e categórico desmentindo contra tal noticiário. Não há nem houve genocídio contra o índio brasileiro. O governo sempre prestou a melhor assistência aos silvícolas, integrando-os na sociedade mediante a sua educação. A tentativa de eliminação de silvícolas e as torturas de presos são avessas à índole de nosso povo.

Não há tortura em nossas prisões. Também não há presos políticos. No Brasil ninguém perde a liberdade simplesmente por divergir da orientação democrática defendida pelo governo. Há, porém, terroristas detidos enquanto respondem a processo regulas pelos crimes que praticaram, matando pessoas indefesas, assaltando bancos e particulares, e seqüestrando diplomatas, para negociar a sua troca por prisioneiros. Aliás, efetuada a troca dos diplomatas por delinqüentes, indicados expressamente pelos terroristas, verificou-se que nenhum deles apresentou sinais de violência e tortura.

Pessoas insuspeitas, inclusive jornalistas estrangeiros desvinculados do movimento subversivo internacional, corroborarão este desmentido, vendo, como qualquer um pode ver, pelo país afora, o tratamento condigno que o Brasil empresta a todos que nele vivem, sem embargo de suas idéias e de sua condição. Os demais, inimigos da nossa terra e do nosso povo, hão de receber a repulsa e o desprezo que merecem.²⁶

Dividindo capa com as notícias de futebol, constantemente o jornal publicou artigos com notas oficiais do governo, desmentindo a violências com que os militares tratavam a oposição. E culpavam entidades ou agentes internacionais pela disseminação desses assim chamados falsos boatos, que teriam o intuito de prejudicar a nação que seguia em crescimento.

É difícil imaginar o que um cidadão daquela época pensaria ao ler uma notícia dessas, pois a ditadura e censura eram tão eficazes, e o país vinha crescendo economicamente tão bem, que a idéia de um inimigo externo, que tem como objetivo desestabilizar o país fazia sentido. Em outra matéria jovens presos por terem cometido assalto a banco negaram pertencer a grupos terroristas, e repudiavam tal causa. Fazendo apelo aos jovens a não terem tais idéias esquerdistas. E que os presos no Brasil não eram maltratados.

²⁶ *Folha de São Paulo*, 9 de maio de 1970, p. 1.

O governo admitia ter sob custódia prisioneiros acusados de terrorismo, assassinatos, seqüestros, assaltos a bancos e etc. Mas recusavam admitir que perseguissem politicamente opositores, sempre enaltecendo como o governo se considerava democrático e livre de censura, negando veementemente qualquer tipo de mal tratos nas prisões brasileiras.

Negar com tanta veemência a existência de tortura, de presos políticos e maltrato a oposição, e resumir ao nome de terroristas presos que cometeram atentados contra o governo, é no mínimo um atestado de culpa. Existia nos artigos uma clara intenção de culpar forças externas pela onda de atentados que estavam ocorrendo e mostrar como o governo era democrático e respeitador dos direitos humanos.

O ato de ‘terrorismo’ que teve maior cobertura nesses específicos dois meses foi o seqüestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben. O governo brasileiro tomou todas as providências para a localização do embaixador, anunciando sua determinação em garantir a integridade física do diplomata.

Para libertar o embaixador, os seqüestradores requisitaram uma série de exigências, que o governo fez questão de soltar em nota oficial nos jornais para que a população ficasse sabendo: a) o governo concordou em liberar 40 presos, cujos nomes foram indicados pelos seqüestradores; b) permitiu a ampla divulgação do manifesto e da nota de esclarecimento através da rádio, televisão e imprensa (que não foi divulgado em nenhum artigo do jornal *Folha de São Paulo*, além das notícias sobre o seqüestro); c) autorizou o uso dos meios de difusão para efeitos de identificação e reunião dos presos a serem libertados nas diferentes regiões do país.

Obviamente esses presos que os seqüestradores queriam soltar eram prisioneiros políticos, mas o governo continuava a afirmar que tais presos não existiam. Que eles eram assaltantes, terroristas, ladrões de bancos, e etc. Que o governo brasileiro não perseguia a oposição, e que tais atos terroristas tinham apoio externo.

DEVER CUMPRIDO

Como nos dois casos anteriores de sequestros de diplomatas, o governo brasileiro agiu com absoluta correção, serenidade e consciência de suas responsabilidades no episódio de que foi vítima o embaixador alemão. Aceitando as exigências dos sequestradores, teve em vista, acima de tudo, preservar a vida de um ser humano, bem precioso em qualquer circunstância. Não se justificavam portanto os temores expressos pelo chanceler alemão, em carta ao governo brasileiro, que certamente prescindia de recomendações ou solicitações externas para adotar as atitudes que considera de seu dever, mesmo nas situações mais delicadas.

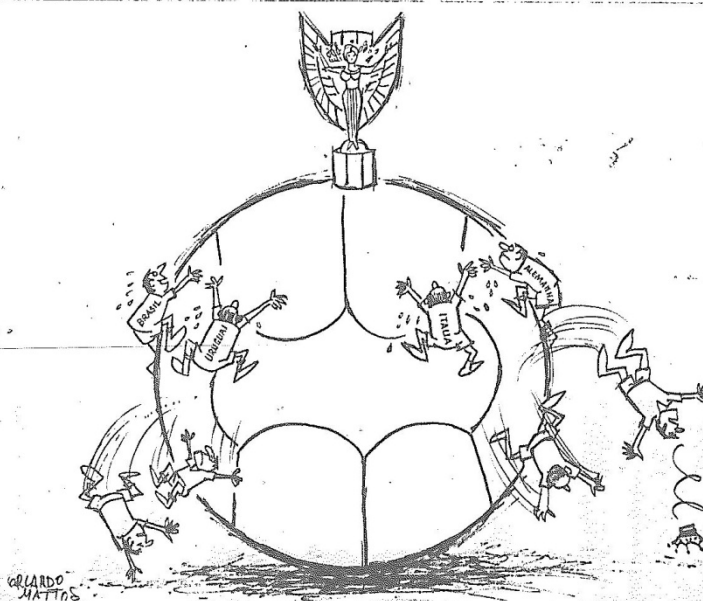
E' preciso que se saliente mais uma vez que o sequestro de diplomatas não é questão especificamente brasileira. O Brasil sofre, sem nenhuma dúvida, as consequências de uma ação criminosa de inspiração externa, que se tem feito sentir também em numerosos países. E' verdade que o sequestro de membros do corpo diplomático vem-se verificando ultimamente com mais frequência na América Latina, porém outras nações, de outras partes do mundo, têm sido igualmente palco de ações dessa natureza. Se alguma coisa distingue o Brasil, nesse particular, é o comportamento invariavelmente humanitário de nossas autoridades, que de sua parte fazem sempre o possível para evitar consequências piores em face das situações criadas por terroristas, que hoje já n.º se diferenciam de criminosos comuns, requintadamente perversos.

Mas não se têm limitado, as autoridades brasileiras, a adotar as atitudes mais sensatas, diante de fatos consumados. E' de justiça salientar seus esforços no sentido de oferecer o máximo de segurança aos representantes estrangei-

ros aqui acreditados; a proteção destes é objeto de atentos cuidados do nosso governo e se não chega a impedir todos os atentados, é por causa das imensas dificuldades inerentes à tarefa. Nenhum país do mundo descobriu ainda um sistema 100% eficaz para garantir a incolumidade de governantes e altas autoridades, locais ou estrangeiras, convém recordar. O assassinio do presidente Kennedy e de seu irmão, mais tarde, são expressivos exemplos da precariedade dos serviços de segurança.

Mais do que isso, ainda, inclui-se o Brasil entre as nações que com maior insistência têm reclamado providências conjuntas para enfrentar um problema que afeta a todos. No âmbito da OEA, das Nações Unidas e de outras organizações internacionais, tem insistido o Brasil em mostrar que o sequestro de diplomatas (como o de aviões) faz parte de um vasto plano subversivo que ameaça todos os países da América Latina, diretamente, e indiretamente todo o mundo ocidental.

Não têm sido muito profícuos esses esforços. Não é fácil, na verdade, encontrar meios de fazer frente ao terror, para o qual não há limites éticos, humanitários e de qualquer outra natureza. Mas não se justifica também a omissão, a passividade e o conformismo com que os organismos internacionais, até agora, cuidaram do assunto. Desses pecados o Brasil não pode ser acusado, pois tem sido dos que mais reclamam uma ação conjunta capaz de reduzir substancialmente a audácia criminosa de terroristas cujo unico objetivo é sabotar todos os esforços honestos em favor da confraternização e do desenvolvimento.



O mais estranho no fim do artigo acima, é que dentro do quadro do artigo havia uma charge sobre a copa do mundo, onde os quatro semifinalistas estavam escalando uma bola, onde no topo havia a taça Jules Rimet, apesar do artigo não mencionar em nada o tema futebol. Uma clara intenção de chamar a atenção do leitor para esse artigo, e ligar a força do selecionado brasileiro ao do governo militar.

Poucos dias após o seqüestro, o governo cumpriu as exigências e o diplomata foi liberto. Depois disso foram páginas e páginas do jornal elogiando a atitude do governo em ter tomado um desfecho rápido ao caso. O embaixador alemão foi ao hospital visitar um dos policiais que foi ferido no dia do seqüestro. E não houve um só comentário ou crítica sobre o paradeiro dos assim chamados terroristas ou de como aquela atitude do governo incentivaria novos seqüestros ocorrerem.

A Folha de São Paulo salientou que os seqüestros de diplomatas não era uma questão especificamente brasileira. Que o país sofria ação criminosa de inspiração externa, que esse crime ocorria em numerosos países. Apesar dos seqüestros de membros do corpo diplomático viessem ocorrendo com mais freqüência na América Latina, outras nações, de outras partes do mundo, também sofreram ações dessa mesma natureza. Enaltecendo o governo brasileiro, pelo seu comportamento humanitário, que foi capaz de evitar conseqüências piores, e que os terroristas não se diferenciavam de criminosos comuns. Mas infelizmente, nenhum país do mundo havia descoberto um sistema 100% eficaz para garantir a segurança dos governantes e autoridades, locais ou estrangeiras, recordando o assassinato do presidente Kennedy e de seu irmão, para mostrar a precariedade dos serviços de segurança. E que o Brasil, inclui-se entre as nações que com maior insistência tinham reclamado providencias conjuntas para enfrentar esse problema do terrorismo. No âmbito da OEA, das Nações Unidas e de outras organizações internacionais, tem insistido em mostrar que o seqüestro de diplomatas (como os de aviões) faz parte de um vasto plano subversivo que ameaça todos os países da América Latina.

Ao ler determinadas matérias, é difícil acreditar que o Brasil vivia em um regime tão repreensivo naquela época, pois constantemente o jornal faz elogios ao governo e sua forma democrática e sensata de resolver os problemas. Mas nas entrelinhas dessas matérias fica bem claro que algo está errado, são muitas notas oficiais do governo exibindo seus feitos democráticos e uma insistência muito grande em procurar agentes externos com o intuito de desestabilizar o governo, não muito diferente do que vemos atualmente em alguns governos da América Latina.

Ou os leitores daquela época não davam credibilidade nenhuma às matérias que liam no jornal ou realmente o regime militar conseguiu esconder de forma brilhante

os atos de selvageria que ele cometia com sua população, não restando outro meio para a oposição se manifestar além do terrorismo. Grande parte da população apoiava o regime, devido o crescimento que o país se encontrava, a abundância de empregos e claro, a questão da copa do mundo. Enquanto a massa se deliciava com cada vitória no torneio mundial e se orgulhava do apoio que seu presidente dava a seleção. Talvez, mesmo que as eleições fossem diretas, o presidente Médici fosse eleito.

Depoimento de Luiz Inácio Lula da Silva:

‘Era pelo resultado econômico e era pelo controle que eles tinham dos meios de comunicação. Eu digo pelo que eu vivia dentro das fábricas. Havia pleno emprego, era uma época de muita facilidade para gente trabalhar. Eu acho que Médici teria sido eleito. Na época foi feita uma pesquisa. Acho que 70% dos votos. Agora veja: se houvesse eleições e tivesse espaço para oposição falar, obviamente que isso poderia cair muito. Era o tempo do ‘Eu te amo meu Brasil’, ‘Brasil: ame-o ou deixe-o’, ‘Brasil grande potência’, ‘Ninguém segura este país’.’²⁷

Na Câmara dos deputados foram propostos vários projetos ou homenagens aos jogadores da seleção. Como, por exemplo, bonificar financeiramente os jogadores por cada partida ganha, de propor a FIFA, que caso a Taça Jules Rimet fosse ganha definitivamente para o Brasil, que a nova taça se chamasse Taça Rei Pelé, entre outras propostas. Inclusive também foi proposto, pelo deputado Adílio Viana (MDB-RS) um projeto lei para criar o dia nacional do futebol.

Para favorecer as transmissões dos jogos do Brasil pela copa, várias repartições públicas fechavam mais cedo para que os funcionários pudessem assistir aos jogos. Inclusive, o presidente Médici determinou desfazer a obrigatoriedade da transmissão da Voz do Brasil, sempre que o horário desse boletim coincidissem com os jogos do Brasil.

Antes da final da copa do mundo, entre Brasil e Itália, o presidente convidou os jogadores e comissão técnica para almoçar com ele no Palácio da Alvorada, independente do resultado final da partida, como forma de apoiar incondicionalmente o

²⁷ Ronaldo Costa Couto. *Op. cit.*, 1999, p. 117.

time do Brasil. Inclusive deu palpite do placar do jogo, afirmando que acreditava que o Brasil venceria por 4x1,²⁸ resultado que acabou se confirmando no jogo final.

Consumada a vitória, o governo explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, procurando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a ‘unidade na diversidade’. Os responsáveis pela AERP não encontrariam maiores dificuldades para convencer as autoridades da importância do momento. Paralelamente ao presidente Médici, que instituiu feriado nacional para valorizar a recepção dos jogadores em Brasília, não foram poucos os governadores, prefeitos e vereadores que fizeram de tudo para posar ao lado dos craques. Para os ligados mais diretamente ao governo, repetir o discurso oficial era fácil, uma vez que bastava relacionar o desempenho da seleção ao momento de euforia econômica que se convencionou chamar de milagre.

²⁸ *Folha de São Paulo*, 20 de junho de 1970, p. 1.

3 – O caso da Copa de 1978

Em 24 de março de 1976, uma junta de comandantes militares assumiu o poder na Argentina, integrada pelo General Jorge Rafael Videla, pelo almirante Emilio Eduardo Massera, e pelo brigadeiro Orlando Ramón Agosti, nomeando o General Videla como presidente da nação, que também continuou à frente do exército até 1978. O golpe militar tinha ao seu lado uma parcela da sociedade, as forças produtoras e a imprensa que clamava por mudanças contra a desorganização do governo de María Estela Martínez de Perón. Parte da sociedade legitimou o governo militar devido ao medo que tinha de que houvesse uma onda de terrorismo igual a diversos países do mundo. Infelizmente essa solução acabou se tornando um mal ainda maior para o povo argentino.

O caos econômico em que a Argentina se encontrava em 1975, a crise de autoridades, as guerrilhas e a desorganização que o governo demonstrava ter para cuidar dessas crises criou as condições para aceitação de um golpe de Estado, confiando aos militares, que prometiam restabelecer a ordem e assegurar o monopólio da força estatal.

O golpe foi uma operação cuidadosamente planejada pelas três armas (exército, marinha e aeronáutica), que primeiramente ensaiaram o golpe em Tucumán, cidade argentina onde o exército já intervinha oficialmente desde 1975, para conter a onda de violência que se encontrava a cidade. E depois o golpe foi executado sistematicamente em todo o país.

María Estela Martínez de Perón (mais conhecida como Isabelita), seus ministros e outras figuras destacadas do governo peronista foram presos imediatamente. Centenas de delegados sindicais, militantes peronistas e de esquerda, jornalistas e intelectuais considerados suspeitos foram surpreendidos pelas patrulhas militares em seus locais de trabalho e lares.

A ditadura militar argentina de 1976-1983, apesar de ter sido curta, se comparada com outras ditaduras na América Latina, foi a mais violenta da região. Assumindo a presidência do novo ciclo militar no país, o general Videla empreendeu

uma feroz investida contra a oposição, que ficaria conhecida como Guerra Suja, deixando cerca de 30 mil desaparecidos.

Tratou-se de uma ação terrorista, dividida em quatro momentos principais: seqüestro, tortura, prisão e execução. Para os seqüestros, Ada(ainda tenho que conferir essa sigla) grupo de operações – conhecido como ‘a patota’ – operava preferencialmente à noite, na residência das vítimas, diante de sua família, que, em muitos casos, era incluída na operação. Mas muitas prisões também foram feitas em fábricas ou locais de trabalho, na rua, e até em países vizinhos, com a colaboração de autoridades locais. A operação era realizada com automóveis não-identificados, mas bem conhecidos – os fatídicos “falcões verdes” – e com grande deslocamento de homens e armamentos pesados, combinando o anonimato à ostentação. Tudo isso aumentava o desejado efeito aterrorizante. Depois do seqüestro, vinha o saque da residência, posteriormente aperfeiçoado, quando passaram a obrigar as vítimas a ceder a propriedade de seus imóveis, caracterizando a pilhagem da horrenda operação.²⁹

O sadismo dos torturadores também foi característica única da ditadura, que não seqüestrava e torturava apenas os suspeitos de subversão, mas também seus familiares, amigos e colegas de trabalho.

O primeiro destino do seqüestrado era a tortura, sistemática e prolongada. Os choques elétricos, o ‘submarino’ – manter a cabeça submersa em um recipiente com água – e as violações sexuais eram as formas mais comuns, e elas se somavam outras que combinavam a tecnologia com o refinado sadismo do pessoal especializado, posto a serviço de uma operação institucional na qual participação de chefes de alta responsabilidade não era rara. A tortura física, de duração indefinida, se prolongava na psicológica, com as simulações de fuzilamento, com o suplício de amigos, filhos e cônjuges, com a comprovação de que todos os vínculos com o exterior estavam cortados, e que não havia ninguém que pudesse se interpor entre a vítima e o algoz.³⁰

Cerca de 10 anos antes do golpe militar na Argentina acontecer, ela já havia sido eleita como país sede da copa do mundo de futebol de 1978. Graças à admiração que os outros países do mundo tinham ao futebol argentino, as excelentes instalações

²⁹ Luis Alberto Romero, *História Contemporânea da Argentina*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 197.

³⁰ *Idem*.

hoteleiras e aos inúmeros estádios existentes em diversos pontos turísticos do país, a argentina conseguiu ser aprovada como país sede do evento.

Devido ao momento delicado que vivia o país, e pelas inúmeras acusações de tortura e violação aos direitos humanos que ocorria na argentina, cresceram os protestos contra o evento, condenando a possibilidade de um governo que desrespeitava direitos humanos sediar um campeonato que, ainda por cima, seria utilizado como mecanismo de propaganda ao seu favor.

A Anistia Internacional, sediada em Londres, foi uma das primeiras a se pronunciar. Na França, as colunas dos jornais *Le Monde* e *Figaro* tornaram-se tribunas de um intenso debate que logo alcançou os programas de televisão, dominando a opinião pública durante algumas semanas.³¹

Em meio às discussões, foi formado o Comitê pelo Boicote da Organização da Copa do Mundo de Futebol (COBA), procurando angariar adeptos em vários países. A partir de informações compiladas pela Anistia Internacional, um documento redigido pelos dirigentes do Comitê foi distribuído à imprensa, alinhando algumas razões a favor do boicote:

A copa do mundo de Futebol, prevista para junho de 1978, será disputada em meio aos campos de concentração da Argentina?

A equipe da França, qualificada no dia 16 de novembro último, jogará a 800 metros do mais terrível centro de torturas do país? Esta é, de fato, a distância que separa o estádio do River Plate, onde devem se realizar as principais partidas da Copa do Mundo, da *Escuela de Mecanica de La Armada*, sede do sinistro ‘*Grupo de Tareas 33*’, verdadeira Gestapo argentina, composta por 314 oficiais e soldados da Marinha. Há dois anos este grupamento vem servindo às torturas perpetradas contra prisioneiros políticos. É também da *Escuela de Mecanica* de onde decolam helicópteros que vão lançar os corpos mutilados das vítimas nas águas do Rio da Prata ou do Atlântico.³²

Apesar desse movimento anti-argentina, o COBA não conseguiu convencer nenhum selecionado classificado para o mundial desistir de sua vaga.

³¹ Gilberto Agostino. *Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 174.

³² *Ibidem*, p 175.

Apenas dois jogadores se recusaram a participar do torneio por motivos pessoais, Johan Cruyff, que era um dos melhores jogadores da seleção holandesa e do mundo, e Paul Breitner, lateral esquerdo da seleção da Alemanha ocidental, comunista convicto, chegou inclusive a fazer campanha pública ao boicote alemão ao torneio.³³

Apesar dessa derrota, o COBA não foi desmobilizado, continuando ativo por algum tempo, divulgando as atrocidades que o governo cometia contra sua população, e fazendo pressão para que o torneio, mesmo tendo sido iniciado na Argentina, fosse transferido para algum outro país sul-americano.

O mundial era um teste decisivo tanto no plano interno como no externo, e podia transformar-se num desastre ou dar motivos aos chefes processistas para seguir adiante. Na realidade, o temor era justificado: os militares haviam optado por um caminho repressivo inédito em seu alcance e nas formas empregadas; embora houvessem feito um cálculo dos riscos que corriam, não podiam estar seguros de qual seria o resultado. À medida que a data do campeonato aproximava-se, as críticas e denúncias das violações dos direitos humanos vindas do exterior foram aumentando.³⁴

Assim como o Brasil fez em 1970, a Argentina viu na realização do torneio uma boa oportunidade para legitimar o governo militar, ganhando o apreço da população e insistindo para mídia internacional que não existia violência política no país ou pelo menos fazer com que a crítica internacional esquecesse um pouco as denúncias sobre violações aos direitos humanos e falasse mais sobre o torneio de futebol e como a Argentina tinha capacidade de sediar um evento dessa grandeza.

La idea tenía su fundamento. Organizar un mundial servía a la dictadura comandada por Jorge Rafael Videla para mostrar una imagen de país confiable, capaz de realizar emprendimientos. Así pretendía contrarrestar las críticas que arreciaban de casi todas partes del mundo. El plan “Pan y Circo” estaba completo y le permitía seguir con el genocidio.³⁵

³³ Informações retiradas do documentário do observatório da imprensa sobre a copa do mundo de 1978.

³⁴ Marcos Novaro & Vicente Palermo, *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à restauração Democrática*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 207.

³⁵ Sergio Ferraro. *Argentina em los Mundiales*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998, p. 107.

Apenas uma semana depois do golpe militar, o regime já havia interferido na AFA (Associação do Futebol Argentino), substituindo seu quadro de dirigente, assumindo o controle da entidade Alfredo Francisco Cantilo, homem de confiança do governo. E para dar andamento a parte administrativa do torneio, o governo criou a Ente Autárquica Mundial (EAM), chefiada pelo general Carlos Osmar Actis.

Por norma da FIFA, o governo ou qualquer outro corpo estranho a FIFA, não pode interferir no poder executivo da associação de futebol, justamente com o intuito de preservar o futebol sobre a influência da política. O então presidente da FIFA, João Havelange, resolveu ignorar esse fato, juntamente com os apelos dos outros países para que o torneio fosse realizado em outro país.

De acordo com depoimento do jornalista brasileiro Juca Kfoury, em seu blog no site da UOL, houve um encontro suspeito entre João Havelange, militares e dirigentes de futebol argentinos:

Em recente entrevista dada ao jornal *Folha de São Paulo*, João Havelange revelou que talvez tenha havido arranjos em algumas Copas do Mundo de Futebol. Referiu-se a escolha de árbitros e outros arranjos. Naquela Copa da Argentina, em 1978, houve alguns fatos suspeitos. (...) Casualmente fui testemunha de um almoço entre Havelange e os dirigentes da Associação de Futebol Argentino e também com membros do governo militar argentino. Estivemos eu e minha esposa Neusa, na Argentina entre 24 e 28 de maio de 1978. Fomos até Mar Del Plata e aproveitamos para visitar o estádio onde o Brasil jogaria daí a alguns dias. (...) Nessa visita anterior fomos com as crianças almoçar no restaurante *Años Locos* que ficava na *Costonera Amurada* ao longo do Rio da Prata como era do Flamengo, no Rio, e o *Melacon*, em Havana. (...) Estávamos no meio do almoço, com o restaurante quase vazio, quando notamos uma grande movimentação na entrada. Vimos vários homens de terno e grava e entre eles alguns militares com seu uniforme. Com eles estava Havelange. Pudemos ver e ouvir a conversa que mantiveram. Foram acertadas algumas ações a serem desenvolvidas pela FIFA na organização dos jogos. Entre elas a escolha dos árbitros, as datas dos jogos, o horário dos jogos onde jogaria a Argentina. Na ocasião, Havelange mostrou-se prestativo, subserviente e ainda fez referências de apoio à ditadura Argentina. E fez algumas críticas à fraqueza da repressão da ditadura brasileira e elogios à dureza do governo argentino. Chegou a lamentar que o governo brasileiro começasse a afrouxar a repressão. Não me

surpreendi com as posições de Havelange. Ele sempre foi apoiador da ditadura brasileira inclusive apoiando publicamente o golpe de 1964.³⁶

Somando-se esse depoimento com a indiferença que a FIFA teve sobre os protestos dos países europeus contra a realização do torneio mundial em um país que se encontrava sobre uma ditadura tão violenta, fica clara que a entidade não faria qualquer fiscalização séria sobre possíveis atos ilícitos sobre a seleção argentina. O que faz pesar ainda mais as denúncias contras as más arbitragens que favoreceram a seleção argentina, acusações de doping e suborno à seleção do Peru.

Actis era tido como homem de confiança do governo, a pessoa certa para impedir que os recursos financeiros argentinos fossem desperdiçados de forma inconseqüente. Mas essa qualidade acabou criando desafetos no próprio governo, pois afinal, a Argentina precisava impressionar a crítica no exterior, para maquiar os abusos que cometia no governo. Ele acabou sendo assassinado na periferia de Buenos Aires, quando se dirigia a um encontro com jornalistas. Sua morte foi atribuída aos Montoneros,³⁷ que negaram terminantemente a autoria do atentado.

Em seu lugar o vice-presidente de Actis assumiu o posto, o Almirante Carlos Alberto Lacotes, que não poupou em gastar quantias astronômicas com a organização do evento. Além da reforma de vários estádios, três novos foram construídos especialmente para o mundial. Em seu discurso de posse Lacoste afirmava:

Entre 1973 e 1976, eles (os peronistas) falavam muito, mas nada fizeram para preparar esse grande torneio. Estamos substituindo suas conversas, o papelório, por prédios, por estádios. Sob os peronistas, vocês tinham três dias de trabalho, e trezentos e sessenta e dois dias de greves. Hoje não há mais greves. Nós as proibimos.³⁸

Para garantir a segurança dos turistas, da imprensa estrangeira e aos jogadores que vinham participar do torneio, o presidente Videla garantiu a FIFA que vinha mantendo contato com o líder dos Montoneros, e que ambas as partes fariam uma

³⁶ Manuel Rocha Carvalheiro. João Havelange nos 'Años Locos'. Disponível em: http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2008-08-24_2008-08-30.html. Acessado 13 jan. 2009.

³⁷ Grupo de esquerda envolvido na luta armada contra a ditadura militar na Argentina.

³⁸ Gilberto Agostino. *Vencer ou Morrer*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002, p. 177.

espécie de trégua onde os ataques de ambas as partes cessariam durante o torneio. Inclusive o governo chegou a afirmar que soltaria alguns presos políticos como sinal de boa vontade.

Mal se iniciara o Mundial, as tensões políticas se ampliaram ainda mais. Apesar da trégua anunciada anteriormente, ações violentas continuaram por parte do governo. Em um desses momentos, quando alguns peronistas mais fiéis saíam da missa em homenagem a quatro anos da morte de Perón, a truculência governamental se fez presente. De uma forma geral, os montoneros reagiram e responderam com diversas ações de represália, jogando por terra a esperança de trégua que os militares anunciaram nos meses que antecederam o evento.³⁹

Quanto ao jogo em si houve diversos resultados polêmicos em favor da Argentina, como por exemplo: Argentina 2 x 1 Hungria, França 1 x 2 Argentina, Argentina 2 x 1 Polônia e Argentina 0 x 0 Brasil.⁴⁰ Apesar dos resultados serem suspeitosamente estranhos, eles podem ser considerados normais no mundo do futebol. É absolutamente comum um árbitro de futebol se sentir intimidado pela torcida do mandante da partida, e que neste caso, essa intimidação poderia ser ampliada pela ditadura sangrenta que estava ocorrendo no país. Mas a vitória da Argentina sobre o Peru por 6-0, que garantiu a seleção da casa às finais do torneio, é um resultado bem atípico.

A seleção do Peru vinha fazendo uma ótima campanha até então, terminando a primeira fase do torneio em primeiro lugar do seu grupo. Vencendo a Escócia por 2-1, o Irã por 4-1 e empatando com a Holanda por 0-0 (Holanda que mais tarde, faria a final com a Argentina).

Para avançar a fase final do torneio, e disputar com a Holanda o título, duas seleções tinham condições de avançarem, que era a Argentina e o Brasil. Empatados no número de pontos, o Brasil tinha vantagem de 1 ponto em saldo de gols, portanto, caso as duas seleções vencessem seus jogos por um resultado simples de 1-0, o Brasil iria a final. A organização do torneio tratou de marcar o jogo do Brasil para tarde e o da

³⁹ *Ibidem*, p. 179.

⁴⁰ Essa crítica à arbitragem e aos resultados foi feita no livro: David Yallop, *Como eles roubaram o jogo*, Rio de Janeiro: Record, 1998, pp. 163-6.

Argentina para noite, com o intuito de que a Argentina pudesse saber antes de sua partida acontecer, com quantos gols teria que vencer a seleção peruana. Para Ricardo Gotta, Jornalista e escritor argentino, autor de *Fuimos Campeones*, livro que critica a vitória do campeonato de 78 pela Argentina, diz que nessa época era normal que os horários dos jogos favorecessem o país sede do torneio, e apenas depois desse mundial que se criou o costume de realizar no mesmo horário as partidas onde duas ou mais equipes se beneficiassem com o resultado da outra.

O Brasil venceu a polônia por 3-1, portanto era necessário que a Argentina ganhasse sua partida por um resultado igual ou superior a 4 gols de diferença, resultado pouco provável devido a campanha que o Peru realizava no torneio.

A primeira polêmica em torno dessa partida se dá por conta da visita do presidente Videla e do ex-secretário de estado americano Henry Kissinger ao vestiário peruano um pouco antes da partida.

- José Velasquéz (ex-jogador da seleção peruana em 1978) – ‘Tivemos a visita do General Videla com o presidente da nossa Federação. Para nos desejar sorte na partida. Nos pareceu muito estranho que o presidente de um país vá pessoalmente nos desejar sorte. Algo estranho.’⁴¹

A presença de Kissinger e Videla no vestiário do Peru, momentos antes da partida, certamente não foi por um simples acaso. Teve o intuito de intimidar os jogadores peruanos, pois estes também viviam uma ditadura em seu país.

Quando Jimmy Carter chegou à presidência dos Estados Unidos ele deixou de ser Secretário de Estados, mas de todas as maneiras foi um dos ideólogos do Plano Condor, que se estava implementando em toda a região. Foi uma pessoa muito influente e alguns jogadores do Peru não sabiam quem estava em frente a eles, mas outros o reconheceram. O filho do ditador peruano era chefe da delegação do Peru.⁴²

Além da acusação de suborno aos jogadores e comissão técnica peruana, também existia uma acusação de que alguns jogadores argentinos disputaram algumas partidas dopados, inclusive essa partida contra o peru. Anos mais tarde, Oscar Ortiz,

⁴¹ Documentário do Observatório de Imprensa sobre a copa do mundo de 1978. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>> . Acessado dia 15 Mar. 2009.

⁴² *Idem*.

atacante da seleção Argentina, confirmou essa informação, declarando no documentário *Verdad o Mentira*, dos jornalistas Ezequiel Fernandes Moore e Horácio Verbitsky, declarando o seguinte: “Nas copas do mundo há dinheiro e há drogas e, portanto, se há dinheiro e drogas, há doping e suborno.”

Enquanto todas essas acusações ocorriam, e o povo comemorava a vitória Argentina no mundial, na *Plaza de Mayo*, no centro de Buenos Aires, uma quantidade cada vez maior de mulheres começaram a fazer protestos. Mais tarde foram conhecidas como ‘As Mães da Praça de Maio’. Reclamando o paradeiro dos mais de 30 mil desaparecidos na ditadura militar, apelando à mídia estrangeira para que eles pudessem fazer algo ou pelo menos divulgar as atrocidades que estavam ocorrendo no país.

Ao relatarem encontros durante algumas vigílias na Praça de Maio, com transeuntes que as recriminavam:

‘ – Que fazem aqui ? Percebem a imagem que dão do país ? Não vêem que há jornalistas estrangeiros que vão se aproveitar para nos atacar? Vocês não são argentinas?’⁴³

Fazer uma boa campanha e ganhar a copa do mundo era essencial para ditadura. Antes da copa a população permanecia calada, quieta em suas casas. Mas na copa do mundo, as pessoas iam para rua festejar e assistir aos jogos. O efeito de uma derrota ou má campanha no mundial poderia ser motivo para que as massas pensassem mais sobre o regime, e culpassem o governo por uma má campanha, ou uma vitória no mundial poderia se transformar em um sucesso, silenciando o povo e a mídia internacional para as atrocidades do regime.

Para ilustrar a monografia, foi feita uma entrevista com o ministro da embaixada da Argentina em Brasília, o Ministro Gustavo Beguet. As declarações do ministro são de cunho pessoal, de um cidadão que viveu o regime militar naquela época, ou seja, não faz parte da opinião do atual governo argentino. O ministro nessa época ainda não havia ingressado na carreira diplomática ou em qualquer outro serviço público, era morador de Buenos Aires e estudante de Ciências Políticas na Universidade Católica dos Jesuítas:

⁴³ Marcos Novaro. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 213.

- Entrevistador: O senhor teria conhecimento de algum acervo e jornais argentinos do período da década de 1970 que se encontre em Brasília ou em alguma cidade do Brasil ?

- Embaixador: Na embaixada infelizmente não. Não sei por que, mas não temos uma biblioteca ou arquivo de jornais.

- Entrevistador: Quais as primeiras lembranças que o senhor tem do início do mundial?

- Embaixador: Lembro que assisti a penúltima partida da Copa do Mundo da Argentina. Tudo aconteceu em ordem, sem problemas. Foi no maior estádio de Buenos Aires, no Estádio do River Plate. E na saída do estádio a maioria dos carros policiais não eram carros com identificação que mostrassem que eles eram da polícia. A intenção era passar uma imagem de civilidade diante dos muitos estrangeiros que tinham vindo ver a copa. Todos os carros que faziam vigilância eram de aparência civil. E se sabia que eram carros da polícia porque eram todos da mesma marca (Ford Falcon, famoso na Argentina naquela época). E quando passei ao lado de um desses carros, caminhando com meu irmão e uns amigos, escutei pelo rádio do carro: “Ordem! A todas as unidades: Não fazer soar a sirene”. Era comum quando eles iam fazer operações contra guerrilha e contra o terrorismo que eles saíssem como loucos, em alta velocidade e soando a sirene.

- Entrevistador: Como eram as propagandas durante a copa do mundo ?

- Embaixador: A ditadura militar tentou dar uma imagem, ao máximo possível no evento da copa do mundo, de que a Argentina era um país em paz e que respeitava os direitos humanos. Então se fazia muita publicidade pela televisão. O que muito deles (o governo) não sabiam é que para o estrangeiro essa propaganda não era acreditada, não era confiável. O estrangeiro queria apenas saber das partidas e não da propaganda do governo em favor da ditadura que apareciam depois. Essas propagandas eram consumidas apenas pelo público argentino.

- Entrevistador: A Argentina recebeu muitos estrangeiros nessa época? Como era a reação deles com a ditadura ?

- Embaixador: O governo esperava um público maior de estrangeiros na copa do que houve. Nesta época o custo de vida era muito alto, principalmente para quem vinha com dólares. A moeda Argentina está sobrevalorizada. Alguns estrangeiros desconfiavam que algo estranho ocorria. Havia uma ordem, mas muito suspeita, parecia uma paz de cemitério. E outros não, pois o governo também tratava de realizar muitas festas aos para árbitros e jornalistas para tentar ocupá-los, e com isso não tiveram tanta oportunidade de conversar com as famílias dos desaparecidos e das pessoas perseguidas pela ditadura.

- Entrevistador: Quais foram as primeiras notícias ou indícios que o senhor ficou sabendo sobre a repressão do regime militar ?

- Embaixador: Fiquei sabendo, por um acaso, da existência de uma cadeia clandestina, onde se torturava e se matou muitas pessoas, a famosa *Escuela da Mecânica Armada*. E fiquei sabendo porque um amigo vindo da França me trouxe na época da copa do mundo, uns jornais (Le monde), que tinham vários artigos, que eram jornais de três dias seguidos que se chamavam: Argentina no momento da copa do mundo. E nele falava basicamente das torturas que ocorriam na *Escuela da Mecânica Armada*. Para mim era uma coisa desconhecida. Porque a imprensa estava submetida a alguma censura. Para ter idéia, eu tive conhecimento das mães da praça de maio, aquelas que iam para exigir informações sobre o paradeiro de seus filhos, vários meses depois que elas começaram a se reunir, pois os jornais não noticiavam nada sobre isso. Então se você não tinha a sorte de se passar pela praça esse dia da semana você não ficava sabendo. O que mais os jornais publicavam eram comunicados dados pelas das forças armadas, os chamados comando de zona, pois a repressão estava organizada em comandos de zona. Algumas áreas nas mãos do exército, outros nas mãos da marinha e outras nas mãos da aeronáutica. A aeronáutica teve um papel mais marginal na repressão.

- Entrevistador: Além das propagandas nos jornais e televisão, o governo fazia mais algum tipo de propaganda para o estrangeiro ?

- Embaixador: Quando foi na época do mundial o governo aproveitou para imprimir e distribuir adesivos para carros com a seguinte mensagem: “os argentinos somos direitos e humanos”(sic). Com o intuito de responder as críticas internacionais sobre as supostas violações dos direitos humanos que ocorriam na Argentina.

- Entrevistador: A imprensa escrevia muito contra os grupos de esquerda que lutavam contra o governo ?

- Embaixador: Sim, às vezes era até um tipo de propaganda infantil, com caricaturas com as pessoas de esquerda. Havia muita censura no cinema, proibindo filmes que falassem contra ditadura em outros países, havia seqüestro de livros, principalmente os que tinham escritores de esquerda. Inclusive um general fez uma queima pública de livros marxistas. A única coisa que a imprensa publicava eram as lutas contra os guerrilheiros que morriam em combate. Que possivelmente simulavam esses tiroteios, mas que essas pessoas na verdade haviam sido torturadas até a morte. Um caso que foi muito famoso foi de Esther Norma Arrostito, uma das formadoras do movimento Montoneros. Ela foi capturada pela marinha, e torturada ao máximo, porque como ela era uma dirigente importante eles acharam que ela tinha informações importantes para dar. Segundo declarações de alguns militares, depois do fim da ditadura, ela estava tão torturada, e com a saúde tão fragilizada, que possivelmente ela não tinha mais informações para dar. Então eles simularam um tiroteio na periferia de Buenos Aires, e jogam o cadáver dela na calçada. E lembro que nos jornais saiu uma notícia que uma importante guerrilheira havia sido morta em enfrentamento contra forças de segurança.

- Entrevistador: Como eram os movimentos sindicais nesta época ?

- Embaixador: O governo militar, nesses dois ou três primeiros anos, tinha controle da situação. Houve poucas greves, pois eram proibidas. Fizeram desaparecer, prender e torturar alguns líderes sindicais. Mas as maiorias desses líderes permaneceram calados, aceitando a ditadura, apenas nos níveis médios dos sindicatos que houve muitas pessoas que enfrentaram, que tiveram a coragem de atuar contra o regime.

- Entrevistador: Como era a sensação econômica na época da ditadura para o povo argentino ?

- Embaixador: Nesses primeiros anos, mais ou menos até 1980, a ditadura achava que tinha o controle da situação para sempre. Mas você tinha a sensação de que o programa econômico aplicado pela ditadura não estava dando os resultados que eles esperavam. Pois você não olhava crescimento e prosperidade. Os salários estavam congelados, a política econômica produziu o fechamento de muitas empresas. Então quando Videla deixar o poder, pelos fins dos anos 80, começou a surgir fissuras na ditadura. O exército, marinha e aeronáutica não entravam em acordo para saber quem seria o sucessor de Videla, isso se levou vários meses. Também se começou um processo de inflação, desvalorização brusca da moeda e desemprego. Contrastando com o que a ditadura afirmava no seu início, prometendo pleno emprego. Nos primeiros anos até não existia muito desemprego, pois os salários eram muito baixos.

- Entrevistador: A partir de que momento a imprensa começou a noticiar os abusos da ditadura?

- Embaixador: A partir da derrota nas Malvinas. Já havia notícias antes sobre coisas que a ditadura não conseguia ocultar, por exemplo, no ano, que não me lembro se foi 78 ou 79 veio a argentina, a pedidos de familiares dos perseguidos pela ditadura, uma comissão de juristas enviada pela comissão interamericana de direitos humanos da OEA. E lembro que isso apareceu nos jornais. Mas houve coisas que nos jornais não apareciam, por exemplo, os juristas anunciaram que vinham para receber denúncias de desaparecimentos, repressões, torturas e violações dos direitos humanos. Eles recebiam essas pessoas em um prédio diante do qual eu passei um dia. No momento que eu passei havia um número muito grande de pessoas, uma fila que tinha possivelmente 100 metros de comprimento que pude ver a minha vista, possivelmente havia mais dentro do prédio e depois da esquina. Segundo o que li a pouco, durante esses dias os militares esvaziaram essas cadeias clandestinas em Buenos Aires e levaram os presos a cadeias de difícil acesso, em cidades do interior, como delta do rio Paraná, lugares onde pouca gente podia chegar. Então o boato começou a se espalhar, pois havia muita gente reclamando sobre o que havia acontecido com seus familiares, e a população começou a ter idéia do que o regime estava fazendo.

- Entrevistador: Como o povo argentino se comportou com a vitória do mundial?

- Embaixador: As vitórias nos dois mundiais dessa época, a copa do mundo na argentina de 1978 e o campeonato mundial de juniores no Japão, fizeram que milhares de pessoas saíssem para as ruas para comemorar. O governo teve uma idéia errada, achando que esse entusiasmo era um

apoio ao governo militar, mas na verdade era apenas uma comemoração pelo time como acontece nas ruas hoje em dia quando uma equipe ganha um título. Muitos estudantes se reuniram para comemorar o título na praça de maio, e Videla aproveitou para aparecer na varanda e fazer um discurso. Mas nessa época ainda não se havia revelado tudo que o governo estava fazendo.

Como se pode concluir com a entrevista do embaixador a ditadura militar Argentina, e a censura cometida por ela, foi muito eficaz. Boa parte da população pouco sabia sobre as atrocidades que o governo cometia, pois o governo tinha o controle absoluto sobre os meios de comunicação na época, tanto de forma direta, proibindo que alguns artigos fossem publicados ou censurando livros, como de forma indireta, pois a imprensa sabia que se fosse contra o governo esses jornalistas seriam alvos de perseguição. O caso de Esther Norma Arrostito é um belo exemplo de como poderia implantar informações nos meios de comunicação, e culpar a esquerda sobre a violência que ocorria no país, implantando inverdades em notas oficiais.

A insistência em passar a imagem de país respeitador dos direitos humanos fez com que se despertasse uma desconfiança ainda maior por parte do público estrangeiro, pois se o país fosse assim tão pacífico, não teria a necessidade de abusar tanto das propagandas para passar essa imagem.

Apesar de ter feito muitas propagandas e discursos sobre como o governo respeitava os direitos humanos e sobre como a Argentina era um país de paz, as atrocidades que o governo cometia contra seus opositores não era algo possível de ser escondido. Era questão de tempo para que vítimas do terror da ditadura fossem a público reivindicar seus desaparecidos ou dar depoimentos de como haviam sido perseguidos.

No exterior, principalmente na Europa, existiam muitas denúncias sobre os abusos do regime, inclusive com países querendo promover o boicote. Não era possível desmentir todas essas denúncias com apenas propagandas durante os jogos ou realizá-los se forma pacífica. Provavelmente o baixo público de estrangeiros não seja apenas por conta da moeda sobrevalorizada, como afirmou o embaixador na entrevista. Mas por se tratar de um país que tinha uma ditadura violenta, e isso provavelmente provocou repúdio e medo do público estrangeiro ir a Argentina assistir aos jogos.

Graças às mães da praça de maio, aos familiares dos perseguidos políticos e aos sobreviventes da ditadura militar, o mundo naquela época se interessava do que estava acontecendo naquele grande país latino-americano, e hoje a história pode revelar em partes o que aconteceu durante o regime militar argentino.

Conclusão

Com decorrer da pesquisa pode-se constatar a importância social que o esporte pode ter em meio às massas. As considerações de Johan Huizinga foram de vital ajuda para entender como o jogo está ligado não apenas à cultura do ser humano, mas é um elemento essencial. O *divertimento do jogo* alcança dimensões além do racional. As considerações de Hannah Arendt, que soube explicar como funciona a indústria de entretenimento, fazendo-nos entender como essa indústria torna seus produtos (entre eles o futebol) tão perecíveis, tendo assim a necessidade de ser sempre renovados. Além disso, reproduz em outro nível o *panis et circenses* romano, desviando a atenção dos cidadãos dos problemas sociais, econômicos e políticos da nação.

Para os argentinos e brasileiros, o futebol teve e têm uma enorme importância social e simbólica. Dentro da cultura de massa, é o esporte (ou produto), entre os mais praticados e consumidos por suas populações, conseguindo mobilizar uma nação inteira durante grandes torneios, como a copa do mundo.

Ganhar o torneio mundial, para ambos os regimes e para seus cidadãos, era mais que um simples jogo, representava a conquista de uma população inteira. Ao passo que perder, principalmente para a Argentina onde a competição ocorria em seu próprio território, seria uma perda de apoio político, já que eles apostaram a frágil credibilidade do regime na vitória na copa.

No Brasil, o plano para conquistar o torneio mundial fazia parte de uma política interna, com o intuito de ligar a conquista do título com o andamento do governo militar, dando legitimidade ao presidente Médici.

Diferente da Argentina, o Brasil não tinha poderes diretos sobre a conquista do título, devido ao torneio não ter ocorrido em solo brasileiro. Mas usou a imagem dessa conquista como se fosse uma vitória do próprio governo militar. Somando-se isso a boa fase econômica que se encontrava o país.

Já para a Argentina a conquista do título teve uma importância e risco ainda maiores. Por ser uma ditadura recente e pela decisão do torneio ser organizado na

Argentina ter sido tomada antes do golpe militar, a copa do mundo representava uma faca de dois gumes.

Caso conquistasse o título e fizesse um torneio organizado poderia conquistar a simpatia do seu povo e tirar a atenção da crítica internacional sobre as violações aos direitos humanos que estavam ocorrendo no país.

Mas caso fizesse uma má campanha no torneio, além de não dar solução as críticas dos outros países, poderia também causar um desânimo em seus cidadãos, que poderiam voltar mais suas atenções ao que estava ocorrendo no país e os mesmo fossem apelar aos organismos internacionais para procurar uma solução.

Ambas as ditaduras obtiveram sucesso no seu planejamento para os torneios mundiais. É importante que os críticos, jornalistas, torcedores e os cidadãos tomem consciência do quanto são usados pela mídia e pelo governo através da exploração sobre o esporte. Para quem sabe no futuro o esporte possa servir mais a educação, saúde e diversão, e menos para as politicagens internas e internacionais.

As histórias dessas duas copas são apenas um exemplo de como o esporte pode ser usado, mobilizando um grande número de pessoas para um determinado fim. O futebol é um meio de aproximarmos diferentes grupos sociais e culturais, dentro ou fora dos limites das fronteiras nacionais.

Contrário a esses dois casos, em 1954 a Alemanha conquistava o título mundial, após uma vitória de 3 a 2 sobre a Hungria, em Berna na Suíça. Para muitos alemães, a vitória no torneio representava o ressurgimento do país após a guerra. Já o então presidente alemão Heuss advertia que o “bom futebol” não significava ainda uma “boa política”. Foi clara a intenção do presidente em evitar especulações de que a Alemanha poderia voltar a ser uma ameaça ao mundo, devido ao ressurgimento do orgulho alemão, mas fica evidente também o poder que esse esporte pode representar.

Referências Bibliográficas:

Fontes primárias:

Documentário do Observatório de Imprensa sobre a copa do mundo na Argentina. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>>. Acessado 15 Mar. 2009.

Folha de São Paulo, edições de maio e junho de 1970.

Fontes secundárias:

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*, Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984*, Bauru-SP: Edusc, 2005.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, São Paulo: Perspectiva, 2005.

COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil: 1964-1985*, Rio de Janeiro: Record, 1999.

FERRARO, Sergio. *Argentina en los Mundiales*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, Petrópolis: Vozes, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: Complementos e índice*, Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIZER, Teixeira. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*, Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*, Petrópolis: Vozes, 2007.

YALLOP, David A. *Como Eles Roubaram o Jogo*, Rio de Janeiro: Record, 1998.

NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Golpe de Estado à Restauração Democrática*, São Paulo: EDUSP, 2007.

ROMERO, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo 1964-1985*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.